



1
DIVINO SOL

Noite. Retorno à Terra. Entre os afilhos
Que a luta impele aos últimos degraus,
Sinto a perturbação que envolve o caos
4 E a exalação de todos os detritos.

Entre o mundo e meu pranto, a sóz, vagueio,
Na torva indagação que me constringe.
A vida é aterradora e imensa esfinge
No horror que me tortura de permeio.

(*) Bacharelando-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar «Ribeiro Junqueira», até à desencarnação. Cognominado o «Poeta da Morte» por Antônio Torres, emparelha-se com Antero de Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA «o seu grande explorador», segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (in A Lit. no

Ao coro estranho de sinistros ventos,
Ergue-se a angústia num milhão de vozes...
Do choro mudo a imprecações ferozes,
Há turbilhões de trágicos lamentos.

Paixões embatem com medonha fúria.
O fel da provação verte sem peias...
O homem é como alguém que abrindo as veias
Tenta fugir debalde à carne espúria.

Em toda a parte, a dor comprime o cerco,
E os que dormem, quais miseráveis cativos,
Assemelham-se a tristes mortos-vivos,
Agonizando em túmulos de esterco.

Acorrentada entre os horrendos muros
Dos seus próprios grilhões imanifestos,
A Humanidade escuta os vãos protestos
Dos sonhos que morreram nascituros...

Mas, dissipando a sombra por rompê-la,
Na gleba que de lodo se engalana,
Como sinal de Deus na furna humana,
28 Surge sublime e resplendente estrela.

Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (Pan., V, pág. 64) que «em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo». (Engenho Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 — Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: Eu; Eu e Outras Poesias.

4. Observe-se a semelhança desta estância com a primeira de «As Cissmas do Destino» (Eu e Outras Poesias, pág. 67), que vamos transcrever na integra:

“Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no destino e tinha medo!”

28. Atente-se na aliteração em s.

Há nova luz de amor que tudo invade.
E percebo, no pântano entrevisto,
Que a redenção virá, brilhando em Cristo,
Ante o Divino Sol da caridade.

2

O B S E S S Ã O

Hidra de sentimentos fesceninos,
A obsessão medonha em fúria avança;
O pranto amargo purga a intemperança
Do inferno de passados desatinos.

Dois revéis inimigos, dois destinos
Em que a treva letífera descansa:
Bela jovem, cobaia de vingança,
E um vampiro a sugar-lhe os intestinos.

Morde o hipocôndrio esquerdo a larva enorme,
Ovo teratológico disforme,
Gerando atividade corrutora.

Mas Deus e o tempo forjam doce jugo,
E encarceram-se vítima e verdugo.
Sob a maternidade redentora.

3

NA HORA DA MORTE

Calam-se os nervos álgidos, reteses,
Na estrutura ancestral da carne mole.
O corpo, enfim, repousa, como o fole,
Sob a horrível pressão de ignotos pesos.

Sorvo cansado e inerme o extremo gole
Do fel que encharca os músculos surpresos,
Vendo os próprios tecidos indefesos,
Sob a fauna larval que aumenta a prole...

Sinto a orgia necrófaga medonha,
Como um balão que estala, geme e sonha
Ao contubérnio de sinistros lastros.

Mas, ave abrindo a grade hirta e marmórea,
Contemplo a vida eterna, ardendo em glória,
Que me acena sorrindo além dos astros!

4

MORTE HÚMIDA

61 *Ei-lo, o doente que se desengana...*
A úlcera enorme baba gosma escura;
O esqueleto senil se descostura
Ao bote da gangrena soberana.

Linfa, sangue e suor em papa insana,
Na fusão miasmática sem cura,
Por sânie e fel no ventre da amargura
Cospem a podridão da casca humana.

Última convulsão que desgoverna.
70 A morte chega brusca, horrenda e terna...
71 Corre na goela hirta fino gume.

61. *Ei-lo, o doente...* Cf. a nota 3-4, pág. 110.

A respeito do metro deste verso, em que a 6^a silaba tônica recai no *que*, cf. o 1^º verso do soneto "Solitário": "Como um fantasma que se refugia"; o 10^º verso de "O Lamento das Coisas": "Da transcendência que se não realiza...", etc.

70-71. *horrenda — hirta*. Não raro, frequentavam o vocabulário do poeta estas palavras. Cf. "Os Doentes" — VII, VIII e IX; "Noite de um Visorário"; "Apóstrofe à Carne"; "Louvor à Unidade"; etc.

A alma ditosa nasce noutro nível.

- 73 E' o parto novo... E a vida imperecível
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

5
CAIM

Qual monstro hirsuto que se desenterra,
76 Aborto horrendo de sinistro abdômen,
Torna Caim, sem látegos que o domem,
Para a nova balística da guerra!

- As medonhas mandíbulas descerra,
Indiferente às chagas que o carcomem,
E, bramindo, desperta na alma do homem
82 As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,
E, embora em pranto, envolve de amor puro
O lobo famulento da caverna.

73. Aposiopese: "E' o parto novo..."

76. *abdômen*: "A rima *abdômen* com *domem* é, do ponto de vista orto-épico, canônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto dos Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente, salvo nas situações tensas de cátedra, oratória ou teatro culto requintado." (Nota de Antônio Houaiss — N. Cl., nº 46, pág. 21.)

82. E' ainda de M. Cavalcanti Proença que vamos citar uma estatística: "No *Monólogo de uma sombra*, de Augusto dos Anjos, 55 entre 186 decassílabos (30%) são acentuados na 6ª sílaba, que é a tônica do proparoxitono." (*Ritmo e Poesia*, págs. 80-81.) Nos 88 decassílabos que ora estudamos, o poeta, que por este ritmo tem acentuado parentesco com Cesário Verde, ostentou 16 vocábulos proparoxitonos acentuados na 6ª sílaba (18%).

NARCISA AMÁLIA de Campos *



1
BONECA

Boneca!... Era uma vez a bonequinha humana,
Borboleta a vojar, sob véus de neblina,
Primavera de sonho e graça matutina,
Transfundidas na carne em rósea filigrana...

- Bela e ardente, dançou, qual brejeira cigana,
6 Nos laços da ilusão que se adensa e esborcina;
Mulher, envelheceu disfarçada em menina,
Alegre bibelô na ribalta mundana.

(*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas lettras» — di-lo Antônio Simões dos Reis (*Narcisa Amália*, pág. 15) — «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fêz questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (*Poetas de Resende*, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza mu-